

IV

Meu super-civilizado irmão:

Hás-de ter notado — acaso poderá escapar ao teu agudo espírito a coisa mais miudinha, o pormenor mais subtil? — que as minhas cartas — pobre de mim e pobre delas! — são, têm sido monumentos ôcos de retórica. Porque, no fim de contas, do nosso irmão camponês, do seu viver arrastado e triste, de suas dores ignoradas e silenciosas, das ambições que o trabalham — da sua vida — que te hei eu já dito? Nada. Tenho gasto tinta, desbaratado tempo — e nada, nada consegui dizer te ainda. Pois bem, isto confrange-me. Confrange-me como se houvesse praticado uma traição. Como se numa hora de maldade houvesse explorado um pobre. E, contudo, não me sinto culpado — não sou culpado.

O meu empenho — se profundo ou leve avalias — era dar-te o ambiente aldeão na sua rude, sincera justeza, por forma que a tua inteligência — repara, não digo *piedade* — ao tomar contacto com o irmão labroste — é assim que o trata, não é? — o visse na sua realidade pungente de ser primitivo: roto, tristonho, suarento, praguejador, supersticioso, inculto, espinha de contínuo vergada frente aos senhores — aos que possuindo bens ao luar ou capital a juros por mãos dêste e mais daquele, não esgadhani no solo, no solo que eles lidam, hoje, amanhã, depois, uma vida inteira. Gostaria outro-sim — a ser-se pêco na ambição onde poríamos audácia? — afeiçoar o dizer de tal arte que a minha prosa te cheirasse a terra, ao húmus poderoso da terra. Se o coçar era louco, não sei; que a empresa era de vulto, não tinha dúvidas. Pois, a-pesar-disso, a ela me atirei de escantilhão. Entusiasmo fácil de meridional, dirás. Engano teu. Persistência no querer não me escasseia. De outras baldas sofrerei, não digo que não, menos desta. Entusiasmo, sim, senti-o, queimou-me, como sempre o sinto e me queima ao dedicar-me a obra que de antemão sei bela e, para mais, justa. E êsse ardor inicial não o sonhes já na agonia. Como foi, assim está. Talvez um tudo nada mais reflectido, sómente.

Meu super-civilizado irmão e imagem da minha imagem; meu irmão ditoso e calmo que vivendo a dois passos de nós estás longe, muito longe, em mundo sereno e doce, compreende-me. Lealmente te dou parte de tropêços, uns altos como tôres, mais maneirinhos outros, que no calcurrear

da estrada me foram surgindo. Disto não infiras, entanto, um acto de renúncia, uma confissão de impotência. A promessa que te fiz continúia de pé, intacta. Nada lhe soneguei, de nada é fito meu alijá-la. Certo, o assunto, vastíssimo, dá para encher volumes: meter foice em messe de proporções tamanhas é não saber mais quando o centeal, espiga em terra, estará pronto a ir para a eira. Meus desígnios também, valha a verdade, não subiam tão alto. Que a façanha levada a bom termo dará brado, é certeza minha. Para isso, contudo, necessário se torna arcaboço de hérules, visão larga e pena dextra, bisturi e pincel a um tempo — atributos êstes que de todo me escasseiam.

Sim, irmão indulgente e sábio, meus intuitos correm mais résvés à poeira dos caminhos. Asas que levam às grandes alturas, rente às estrêlas, não tenho para lhes dar. E, como a rã da fábula me ensina que a prosápia estulta sempre finda em droga, deixo-os viver assim modestinhos, pairando baixo, livres de trambolhões fatais.

Pois mesmo desta sorte — queres crer! — não raro o terreno me fuge sob os pés e obstáculos diversíssimos me barram a marcha. De-certo, o valor das realizações coteja-se pelas dificuldades vencidas. Mas umas residem em nós e para removê-las bonda esforço, paciência, querer forte, uma pontinha de sacrifício, por vezes. Outras, porém, existem fora e para além da nossa vontade, muito para além. Distantes como as estrêlas. Intransponíveis como muros de presídio onde alguém quedasse atado de pés e mãos. Ajuizas, por ventura, o que é esta sensação de *impossível*? O que nela se agita de doloroso, de desespero concentrado, de suplício latente? O que representa ver mo-nos emparedados quando todo o nosso empenho seria caminhar, caminhar, ao sol ou sob a chuva, ao longo dos pântanos ou entre roseirais, lentamente ou com rapidez — a nosso alvedrio?

Meu irmão ditoso que não anseias! Meu feliz irmão que não duvidas e não interrogas — se soubesses a tragédia que é o Homem querer e não poder realizar-se! O que há de medonho em sentir o peito pleno de amor e não poder amar — em *ter e não poder*!

Por isso as minhas cartas são baldões vazios; por isso te não dizem nada. Mas como sujeitar as forças, estranhas e hostis que me tohem? Tu mesmo não apregoas aos quatro pontos que a sociedade carece de coisas

risonhas e leves, não a análise, a dissecação? De resto, concordo contigo. Se me vejo encafuado em camisa de onze varas, a culpa a mim cabe. Só a mim. Fosse atilado, escapulísse-me à velhaca tentação de meter o bedelho em tema que, por demais, sabia defeso.

Indubitavelmente nada se opõe, nem tu nem a ciência que legisla sobre o melhor processo de «praticar o bem e evitar o mal», a que transplante para letra de forma uma paisagem serrana onde figurem penedos, árvores, águas claras, montes, uma várzea barbada de erva, duas vacas ou um rebanho de cem cabeças, um magote de casebres negriscos fumando num céu azul, demos mesmo um cavador, petizes jogando à lapada, uma velha de face rugosa...

Incontroverso se me afigura que, em quadro deste jeito, tão inocente e tão suave, nem o mais juiz a pedir contas dos nadinhas mais miudos, toparia motivo digno de reparo. Mas — ó meu irmão justo, ó meu leal irmão, responde-me — pintura com semelhantes tintas e recorte seria realmente honesta? Uma voz íntima boqueja-me que não. Falar no homem do campo, no trabalhador da terra e esquecer suas angústias inconfessadas, seus músculos doridos, seu olhar triste — da tristeza horrível que nada aguarda, nada! — parece-me feio embuste.

Por outro lado, tocar neste tremedal, é pôr à tona resíduos miseráveis e fétidos, almas a transbordar fêl, almas a sangrar; saudades do pão, profundas, lancinantes; agonias sem nome; carnes tostadas nas soalheiras daninhas...

... E, aqui, doutoral e grave, atiras o primeiro questionário: — Devem as curiosidades debruçar-se sobre todas as tragédias? Podem os espíritos descer até os sofrimentos mais obscuros e trazê-los para a luz em toda a sua nudez tremenda, como quem mostra um aborto, numa feira? Acaso as pústulas cicatrizam mexendo-as e retalhando-as à ponta de escalpelo? Resposta que sirva às intenções do formulário apenas uma, quanto a mim. Para que dar-ta, contudo, se sei que teu seio ia arder em ira? E, depois, afóra a tua vontade — as tuas predilecções — outras vontades e predilecções existem.

Rematando: eu estendo-te a ponta de um véu, descubro-te um pouquinho do que por baixo dêle se move, mas mais não posso fazer. E isto te basta, talvez. Importa, apenas, que a tua sagacidade tão louvada não durma e que teus olhos tão investigadores se abram. Se abram e vejam.